

O que estão dizendo sobre *O homem que escutava as abelhas*:

“Lefteri retrata com sensibilidade como é ser alcançado em casa pela guerra, consciente dos efeitos sutis do trauma e da dor [...] Ao criar personagens com vidas interiores tão ricas e complexas, ela mostra que a forma mais fácil de estendermos nossa compaixão a milhões de pessoas é começar por uma única.”

– *Time*

“Retratando sua brutalidade diária, mas também os lampejos de beleza, este romance humaniza as histórias chocantes de refugiados sobre as quais lemos no noticiário. Lefteri explora questões de confiança e retrata o que o trauma e a perda podem causar nos indivíduos e em seus relacionamentos.”

– *The Boston Globe*

“Lefteri conta uma história assombrosa e vibrante de refugiados de guerra sírios que empreendem uma jornada traiçoeira [...] Os leitores vão achá-la profundamente comovente, por sua intensidade psicológica e perspicácia emocional.”

– *Publishers Weekly*

“As histórias humanas por trás das imagens do noticiário de refugiados de guerra sírios emergem num romance tão comovente quanto alarmante [...] A história de Nuri ressoa com autenticidade, desde as imensas crueldades impessoais da guerra até as pequenas gentilezas que ajudam as pessoas a sobreviver a ela. Nuri busca ser o elo mais forte, mas Lefteri mostra ao leitor, sutil e lentamente, quão profundas suas feridas também

Christy Lefteri

**O
HOMEM
QUE
ESCUTAVA
AS
ABELHAS**

TRADUÇÃO:
Elisa Nazarian

VESTÍGIO

*Para papai
Também para S*

1

Estou assustado com os olhos da minha mulher. Ela não consegue enxergar o lado de fora, e ninguém consegue enxergar lá dentro. Veja, são como pedras, pedras cinza, pedras marinhas. Olhe para ela. Veja como está sentada na beirada da cama, sua camisola no chão, rolando nos dedos a bola de gude de Mohammed, esperando que eu a vista. Estou ganhando tempo colocando minha camisa e a calça, porque estou muito cansado de vesti-la. Veja as dobras da sua barriga, a cor de mel do deserto, mais escura nas dobras, e as linhas muito finas e prateadas na pele dos seus seios, as pontas dos seus dedos com cortezinhos minúsculos, onde as formas de encostas e vales já estiveram manchadas com tinta azul, amarela ou vermelha. Houve época em que sua risada era ouro, você poderia vê-la, além de escutá-la. Olhe para ela, porque acho que ela está desaparecendo.

– Tive uma noite de sonhos dispersos – ela diz. – Eles encheram o quarto.

Seus olhos estão fixos um pouco à minha esquerda. Sinto náusea.

– O que isso quer dizer?

– Eles eram fragmentados. Estavam por toda parte. E eu não sabia se estava acordada ou dormindo. Eram muitos os sonhos, como abelhas em um quarto, como se o quarto estivesse cheio de abelhas. E eu não conseguia respirar. Acordei e pensei, por favor, faça com que eu não sinta fome.

Olho para ela, confuso. Ainda não há expressão. Não lhe conto que agora só sonho com assassinato, sempre o mesmo sonho. Sou só eu e o homem, estou segurando o bastão e minha mão está sangrando; no sonho, os outros não estão lá, e ele está no chão, as árvores acima dele, e ele me diz alguma coisa que não consigo escutar.

– E sinto dor – ela diz.

– Onde?

– Atrás dos olhos. Uma dor bem aguda.

Ajoelho-me em frente a ela, e olho nos seus olhos. O vazio absoluto que há neles me aterroriza. Tiro o celular do bolso, acendo a luz da lanterna neles. Suas pupilas dilatam-se.

– Você vê alguma coisa? – pergunto.

– Não.

– Nem ao menos uma sombra, uma mudança de tom ou cor?

– Só preto.

Enfio o celular no bolso e me afasto dela. Desde que chegamos aqui, ela piorou. É como se sua alma estivesse evaporando.

– Você pode me levar ao médico? – ela pergunta. – Porque a dor está insuportável.

– Claro – eu digo. – Logo.

– Quando?

– Assim que conseguirmos os documentos.

Fico feliz que Afra não possa ver este lugar. Mas ela gostaria das gaivotas, do seu jeito maluco de voar. Em Aleppo, estávamos longe do mar. Tenho certeza de que ela gostaria de ver estes pássaros, talvez até a costa, porque foi criada junto ao mar, enquanto eu sou do leste de Aleppo, onde a cidade encontra o deserto.

Quando nos casamos e Afra veio viver comigo, sentiu tanta falta do mar que começou a pintar água onde quer que a encontrasse. Pelo árido planalto da Síria, há oásis, córregos e rios que deságuam em pântanos e pequenos lagos. Antes de termos Sami, seguíamos a água, e ela a pintava com tinta a óleo. Existe uma pintura do Queiq que eu gostaria de poder rever. Ela fez com que o rio parecesse um escoamento de águas pluviais fluindo pelo parque da cidade. Afra tinha esse jeito de ver verdade em paisagens. A pintura, e seu mísero rio, lembram-me a luta para permanecer vivo. A cerca de trinta quilômetros ao sul de Aleppo, o rio desiste da luta na rigorosa estepe síria e se evapora nos pântanos.

Os olhos dela me assustam. Mas estas paredes úmidas, os fios no teto e os outdoors, não sei como ela lidaria com tudo isto, caso pudesse ver. O

outdoor logo aí fora diz que nosso número é excessivo, que esta ilha se partirá com nosso peso. Estou feliz que ela esteja cega. Sei o que isto parece! Se eu pudesse lhe dar uma chave que abrisse uma porta para outro mundo, desejaria que ela voltasse a ver. Mas teria que ser um mundo muito diferente deste aqui. Um lugar onde o sol acaba de nascer, tocando os muros que circundam a cidade antiga, e fora desses muros, os bairros que parecem alvéolos, as casas, apartamentos, hotéis e vielas estreitas, uma feira livre onde mil colares pendurados brilham à primeira luz, e mais longe, pelas terras do deserto, ouro sobre ouro, vermelho sobre vermelho.

Sami estaria ali, sorrindo e correndo por aquelas vielas com seus tênis surrados, uns trocados na mão, a caminho da loja para comprar leite. Tento não pensar em Sami. Mas Mohammed? Ainda espero que ele encontre a carta e o dinheiro que deixei debaixo do pote de Nutella. Acho que um dia haverá uma batida na porta, e quando eu abrir ele estará ali parado, e eu direi:

– Mas como você conseguiu chegar aqui, Mohammed? Como soube onde nos encontrar?

Ontem, vi um menino pelo espelho embaçado de vapor do banheiro compartilhado. Ele usava uma camiseta preta, mas quando me virei, era o homem do Marrocos, sentado no vaso sanitário, mijando.

– Você deveria trancar a porta – ele disse, em seu próprio árabe.

Não consigo me lembrar do seu nome, mas sei que ele é de uma aldeia perto de Taza, no sopé das montanhas Rif. Ontem à noite, ele me contou que é possível que eles o mandem para o centro de remoção, em um lugar chamado Yarl's Wood. A assistente social acha que existe uma chance de eles fazerem isto. Nesta tarde, é minha vez de me reunir com ela. O marroquino diz que ela é muito bonita, que parece uma dançarina de Paris com quem ele uma vez fez amor num hotel em Rabat, bem antes de se casar com sua esposa. Ele me perguntou sobre a vida na Síria. Contei sobre as minhas colmeias em Aleppo.

À noite, a proprietária nos trás chá com leite. O marroquino é velho, talvez tenha oitenta, ou mesmo noventa anos. Tem a aparência e o cheiro de quem é feito de couro. Lê *Como ser um britânico*, e às vezes sorri consigo mesmo. Fica com o celular no colo, e às vezes para ao final de cada página para olhar para ele, mas ninguém nunca telefona. Não sei

quem ele está esperando, e não sei como chegou até aqui, nem por que fez tal viagem com uma idade tão avançada, porque ele parece alguém à espera de morrer. Ele detesta a maneira como os não muçulmanos ficam em pé para mijar.

Existe cerca de dez de nós neste B&B decadente junto ao mar, todos de lugares diferentes, todos aguardando. É possível que eles nos aceitem, é possível que nos mandem embora, mas já não há muito o que decidir. Que estrada tomar, em quem acreditar, se levantar novamente o bastão e matar um homem. Estas coisas pertencem ao passado. Logo evaporarão, como o rio.

Pego o *abaya*¹ de Afra no cabide do guarda-roupa. Ela escuta e se levanta, erguendo os braços. Parece mais velha, agora, mas se comporta como mais nova, como se tivesse se transformado numa criança. Seu cabelo tem a cor e a textura de areia, já que o tingimos para as fotos, descorando o tom árabe. Eu o prendo num coque, e envolvo sua cabeça com seu *hijab*,² fixando-o com grampos, enquanto ela orienta meus dedos, como sempre faz.

A assistente social estará aqui à uma da tarde, e todas as reuniões acontecem na cozinha. Ela vai querer saber como chegamos até aqui, e procurará um motivo para nos mandar embora, mas eu sei que se disser as coisas certas, se convencê-la de que não sou um assassino, então conseguiremos ficar aqui por sermos os que tiveram sorte, porque viemos do pior lugar do mundo. O marroquino não tem tanta sorte, terá que provar mais coisas. Agora, ele está sentado na sala de visitas, junto às portas de vidro, segurando com as duas mãos um relógio de bolso de bronze, aninhando-o em suas palmas como se fosse um ovo incubado. Olha para ele, esperando. Pelo quê? Quando me vê aqui parado, diz:

– Ele não funciona, sabe? Parou numa hora diferente.

Levanta-o para a luz pela corrente e sacode-o com delicadeza, este relógio parado feito de

...**bronze**...

era a cor da cidade lá embaixo. Vivíamos em uma casinha térrea de dois dormitórios, em uma colina. Lá do alto, podíamos ver toda a arquitetura anárquica e os lindos domos e minaretes, e mais distante a cidadela apontando.

Era agradável sentar na varanda na primavera; podíamos sentir o cheiro da terra do deserto, e ver o sol vermelho recolhendo-se sobre a terra. Mas no verão, ficávamos dentro de casa com um ventilador ligado, toalhas molhadas na cabeça, e os pés numa bacia de água fria porque era quente como um forno.

Em julho, a terra ficava ressecada, mas em nosso jardim tínhamos árvores de damasco e amendoeiras, tulipas, íris e coroas-imperiais. Quando o rio secava, eu descia até o tanque de irrigação para pegar água para o jardim e mantê-lo vivo. Em agosto era como tentar ressuscitar um cadáver, então eu via tudo aquilo morrer e se fundir com o restante da terra. Quando estava mais fresco, dávamos um passeio e observávamos os falcões voando pelo céu do deserto.

Eu tinha quatro colmeias no jardim, empilhadas uma em cima da outra, mas o restante estava num campo na periferia leste de Aleppo. Detestava ficar longe das abelhas. De manhã, eu acordava cedo, antes do sol, antes do chamado do muezim³ para a oração. Dirigia os cinquenta quilômetros até os apiários e chegava quando o sol estava nascendo, os campos cheios de luz, o zumbir das abelhas uma única nota límpida.

As abelhas eram uma sociedade ideal, um pequeno paraíso em meio ao caos. As obreiras viajavam para longe e por um espaço amplo para encontrar comida, preferindo ir aos campos mais distantes. Coletavam néctar de flores de limoeiros e trevos, sementes de cominho preto e anis, eucalipto, algodão, espinheiros e urzes. Eu cuidava das abelhas, alimentava-as, e monitorava as colmeias para impedir infestações ou más condições de saúde. Às vezes, eu construía novas colmeias, dividia as colônias ou criava abelhas-rainha – tirava as larvas de outra colônia e observava enquanto as abelhas cuidadoras alimentavam-nas com geleia real.

Mais tarde, na época da colheita, eu verificava as colmeias para ver quanto mel as abelhas tinham produzido, e depois punha os quadros com os favos nos extratores e enchia os baldes, raspando o resíduo para recolher o líquido dourado por debaixo. Era meu dever proteger as

abelhas, mantê-las saudáveis e fortes, enquanto elas realizavam sua tarefa de produzir mel e polinizar a terra para nos manter vivos.

Quem me introduziu na apicultura foi meu primo Mustafá. Seu pai e seu avô tinham sido apicultores nos vales verdes, a oeste da cordilheira Antilíbano. Mustafá era um gênio com coração de menino. Estudou e se tornou professor na Universidade de Damasco, pesquisando a composição precisa do mel. Como viajava de lá para cá entre Damasco e Aleppo, quis que eu administrasse os apiários. Ele me ensinou muito sobre o comportamento das abelhas e como manipulá-las. As abelhas nativas ficavam agressivas com o calor, mas ele me mostrou como entendê-las.

Quando a universidade fechava para os meses de verão, Mustafá juntava-se a mim em tempo integral em Aleppo. Nós dois trabalhávamos duro, muitas horas. No final, pensávamos como as abelhas, até comíamos como as abelhas! Comíamos pólen misturado com mel, para nos mantermos no calor.

Nos primeiros dias, quando eu tinha meus vinte anos e ainda era novo no trabalho, nossas colmeias eram feitas de matéria vegetal coberta com lama. Mais tarde, substituímos os baús de cortiça e as colmeias de terracota por caixas de madeira, e logo tínhamos mais de quinhentas colônias! Produzíamos, no mínimo, dez toneladas de mel por ano. Havia inúmeras abelhas, e elas me faziam sentir vivo. Quando eu estava longe delas era como se uma grande festa tivesse terminado. Anos depois, Mustafá abriu uma loja na parte nova da cidade. Além de mel, ele vendia cosméticos à base de mel: cremes atraentes com cheiro doce, sabonetes e produtos capilares de nossas próprias abelhas. Ele tinha aberto a loja para a filha. Embora jovem à época, ela achava que estudaria agricultura, exatamente como o pai. Assim, Mustafá deu à loja o nome de *Paraíso de Aya*, e prometeu que, um dia, se ela estudasse bastante, a loja seria dela. A filha adorava vir cheirar os sabonetes e passar os cremes nas mãos. Era uma menina inteligente para a idade, eu me lembro de uma vez em que ela disse: “Esta loja é como o mundo cheiraria se não houvesse humanos”.

Mustafá não queria uma vida tranquila. Ele sempre se esforçou para fazer mais e aprender mais. Nunca vi isto em nenhum outro ser humano.

Por mais que progredíssemos, mesmo quando tínhamos clientes importantes da Europa, da Ásia e do Golfo, era eu quem cuidava das abelhas, a pessoa em quem ele confiava para isto. Ele dizia que eu tinha uma sensibilidade que faltava na maioria dos homens, que eu entendia os ritmos e os padrões delas. Ele tinha razão. Aprendi como realmente escutar as abelhas e falava com elas como se fossem um corpo que respira e que tem um coração, porque, entenda, as abelhas trabalham em conjunto. Mesmo quando, no final do verão, os zangões são mortos pelas operárias para preservar os recursos alimentícios, elas continuam trabalhando juntas, como uma entidade. Elas se comunicam entre si através de uma dança. Levei anos para entendê-las, e depois disso, o mundo à minha volta nunca mais pareceu o mesmo, nem sou do mesmo jeito.

Mas com o passar dos anos, o deserto foi crescendo lentamente, o clima ficando mais inóspito, os rios foram secando, os fazendeiros dando duro; só as abelhas eram resistentes à seca. “Olhe para estas pequenas guerreiras”, Afra dizia nos dias em que vinha visitar os apiários com Sami, uma trouxinha embrulhada em seus braços, “olhe para elas ainda trabalhando, quando tudo mais está morrendo!”. Afra sempre rezava por chuva, porque temia as tempestades de areia e as secas. Quando uma tempestade de areia se aproximava, podíamos ver, da nossa varanda, o céu acima da cidade ficar roxo, e então havia um assobio profundo na atmosfera, e Afra corria à volta da casa fechando todas as portas, aferrolhando todas as janelas e venezianas.

Todo sábado, íamos jantar na casa de Mustafá. Dahab e Mustafá cozinhavam juntos, Mustafá pesando meticulosamente na balança cada ingrediente, cada tempero, como se um mínimo erro fosse estragar toda a refeição. Dahab era uma mulher alta, quase da mesma altura que o marido, e ficava ao lado dele sacudindo a cabeça, como eu a tinha visto fazer com Firas e Aya. “Vamos logo”, dizia. “Vamos logo! Neste passo vamos comer esta refeição de sábado no próximo sábado.” Ele cantarolava enquanto cozinhava, e parava de vinte em vinte minutos, ou coisa assim, para fumar, ficando no pátio sob a árvore florida, mordendo e aspirando a ponta do cigarro.

Eu me juntava a ele, mas nesses momentos ele ficava quieto, os olhos cintilando pelo calor da cozinha, os pensamentos em algum outro lugar. Mustafá começou a temer pelo pior antes de mim, e eu percebia a preocupação nas linhas do seu rosto.

Eles moravam no andar térreo de um prédio de apartamentos, e o pátio era fechado em três lados pelos muros dos prédios vizinhos, de modo que sempre estava fresco e cheio de sombras. Os sons dos terraços acima desciam até nós – trechos de conversas, música, o leve murmúrio de aparelhos de televisão. O pátio possuía videiras repletas de uvas, e uma treliça de jasmim cobrindo uma parede, e em outra, uma prateleira de jarros vazios e porções de favos de mel.

A maior parte do pátio era ocupada por uma mesa de jardim de metal, logo abaixo do limoeiro, mas havia comedouros de passarinhos ao longo das bordas e uma hortinha num quadrado de terra, onde Mustafá tentava cultivar ervas. A maioria delas murchava por não haver luz solar suficiente. Eu observava meu primo apertar uma das flores do limoeiro entre o polegar e o indicador e aspirar o perfume.

Nesses momentos, na tranquilidade de uma noite de sábado, ele começava a ruminar coisas, a ponderar; sua mente nunca conseguia descansar, nunca estava quieta.

– Você já imaginou como seria ter uma vida diferente? – ele me perguntou em uma dessas noites.

– Como assim?

– Às vezes me assusta pensar em como a vida pode tomar um ou outro rumo. E se eu estivesse trabalhando em algum lugar num escritório? E se você tivesse escutado seu pai e terminado numa loja de tecidos? Temos muito a agradecer.

Não respondi. Embora minha vida pudesse, facilmente, ter seguido outra direção, não havia a menor chance de Mustafá terminar num escritório. Não, seus pensamentos sombrios vinham de algum outro lugar, como se ele já tivesse medo de perder tudo, como se algum eco do futuro estivesse voltando para trás e sussurrando em seu ouvido.

Para grande aborrecimento de Mustafá, seu filho, Firas, nunca deixava o computador para ajudar na refeição. “Firas!” Mustafá chamava, indo para a cozinha. “Levante-se antes de ficar colado nessa cadeira!” Mas Firas ficava na cadeira de vime da sala de visitas, de camiseta e short. Era

um rapaz esguio, de doze anos, rosto comprido e cabelo ligeiramente crescido, e quando sorria, desafiando o pai, por um momento ficava parecido com um cão de caça da raça Saluki, do tipo que se encontra no deserto.

Aya, que era apenas um ano mais velha do que o irmão, pegava Sami pela mão e arrumava a mesa; a essa altura, ele tinha três anos e andava por lá como um homenzinho numa missão. Ela lhe dava um prato limpo ou uma xícara para segurar, de modo a ele sentir que estava ajudando. Aya tinha cabelos dourados, como a mãe, e Sami puxava seus cachos sempre que ela se curvava, e ria quando eles saltavam de volta para o lugar. E então, todos nós participávamos, até Firas – Mustafá puxava-o da cadeira pelo braço esquelético –, e levávamos travessas fumegantes, saladas coloridas, pastas e pães para a mesa do pátio. Às vezes tínhamos lentilhas vermelhas e sopa de batata doce com cominho, ou *kawaj*⁴ com carne e abobrinhas, corações de alcachofra recheados, cozido de feijão verde, tabule, ou espinafre com pinhole e romã. Mais tarde, baclava⁵ embebida em mel e bolinhas de massa *luqaimat*⁶ pingando calda ou damasco em conserva, preparado por Afra. Firas estaria no celular, e Mustafá arrancava-o das suas mãos, colocando-o dentro de um dos potes vazios de mel, mas ele nunca ficava realmente bravo com o filho; havia certo humor entre eles, mesmo quando um confrontava o outro.

– Quando é que eu posso pegar de volta? – Firas dizia.

– Quando nevar no deserto.

E quando o café estava na mesa, o celular estaria fora do pote de mel e de volta às mãos de Firas.

– Da próxima vez, Firas, ele não vai ser colocado num pote *vazio*!

Desde que Mustafá estivesse cozinhando ou comendo, estava feliz. Era mais tarde, quando o sol havia se posto e o perfume do jasmim noturno nos envolvia, quando o ar estava parado e denso, que seu rosto desabava e eu sabia que ele estava pensando, que a quietude e a escuridão da noite tinham, mais uma vez, trazido sussurros do futuro.

– O que foi, Mustafá? – perguntei uma noite, quando Dahab e Afra enchiam a lava-louças depois do jantar, a risada estrondosa de Dahab mandando os passarinhos além dos prédios e para o céu noturno. – Ultimamente você não parece você.

– A situação política está piorando – ele disse.

Eu sabia que ele tinha razão, embora nenhum de nós quisesse, de fato, conversar a respeito. Ele apagou seu cigarro e limpou os olhos com as costas da mão.

– As coisas vão ficar feias. Nós todos sabemos disto, não é? Mas tentamos continuar a vida como era antes.

Ele enfiou uma bolinha de massa na boca, como que para provar que tinha razão. Era final de junho, e em março daquele ano a guerra civil tinha começado com protestos em Damasco, trazendo desassossego e violência para a Síria. Devo ter baixado o olhar a essa altura, e talvez ele tenha visto a preocupação no meu rosto, porque quando voltei a erguer os olhos, ele sorria.

– Vou te dizer uma coisa. Que tal a gente criar mais receitas para a Aya? Tenho algumas ideias, mel de eucalipto com lavanda!

Seus olhos brilharam e ele começou a considerar seu novo sabonete, chamando Aya para levar seu laptop para fora e assim, juntos, os dois poderiam criar a composição exata. Embora Aya só tivesse quatorze anos à época, Mustafá estava decidido a ser seu professor.

Aya estava ocupada, brincando com Sami. Como meu filho gostava dela! Estava sempre desesperado para ficar perto dela, sempre à procura dela com seus olhos grandes e cinza. Eram da cor dos olhos da mãe. Pedra. Ou da cor dos olhos de um recém-nascido antes de mudar para castanho, só que os dele não mudaram, e também não ficaram mais azuis. Sami seguia Aya por toda parte, puxando sua saia, e ela o levantava bem alto nos braços, para lhe mostrar os passarinhos nos comedouros, ou os insetos e lagartos que rastejavam pelas paredes e pelo pátio cimentado.

A cada receita, Mustafá e Aya avaliavam os pigmentos e ácidos, os minerais em cada tipo de mel, para criar uma combinação que *funcionasse perfeitamente*, segundo ele. Então, os dois calculavam a densidade do açúcar, a granulação, a tendência a absorver umidade do ar, imunidade contra deterioração. Eu dava sugestões, e eles as aceitavam com sorrisos gentis, mas era a mente de Mustafá que trabalhava como as abelhas. Era ele que tinha as ideias e a inteligência, enquanto eu era quem fazia tudo acontecer.

E por um tempo, naquelas noites, com os doces de damasco e o perfume do jasmim noturno, Firas em seu computador e Aya sentada ao nosso lado com Sami nos braços, enquanto ele mascava seu cabelo, a

risada de Afra e Dahab chegando até nós vinda lá da cozinha, naquelas noites nós ainda éramos felizes. A vida estava bem próxima do normal para que esquecêssemos nossas dúvidas, ou, pelo menos, para mantê-las fechadas em algum lugar nos recessos sombrios das nossas mentes, enquanto fazíamos planos para o futuro.

Quando a confusão começou, Dahab e Aya foram embora. Mustafá convenceu-as a ir sem ele. Conforme seus medos começaram a se confirmar, ele fez planos com a maior rapidez, mas precisava ficar um pouco mais para cuidar das abelhas. À época, pensei que ele estava sendo muito precipitado, que a morte da mãe quando ele era criança – o que o assombrara pelo tempo em que eu o conhecia – tinha, de alguma maneira, feito com que fosse excessivamente protetor em relação às mulheres em sua vida, e como resultado, Dahab e Aya achavam-se entre as primeiras a deixar a região, tendo a sorte de serem poupadas do que estava por vir. Mustafá tinha um amigo na Inglaterra, professor de sociologia, que se mudara para lá alguns anos antes por causa de trabalho, e esse homem telefonara para Mustafá insistindo para que ele fosse para o Reino Unido; estava convencido de que a situação pioraria. Mustafá deu à mulher e à filha dinheiro suficiente para fazerem a viagem, enquanto ficava na Síria com Firas.

– Não posso simplesmente abandonar as abelhas, Nuri – disse numa noite, sua mãozorra passando pelo rosto e pela barba, como se ele estivesse tentando apagar a expressão sombria que agora sempre ostentava. – Para nós, as abelhas são parte da família.

Antes de as coisas ficarem realmente ruins, Mustafá e Firas juntavam-se a nós no jantar, à noite, e sentávamos juntos na varanda observando a cidade lá embaixo e escutando o estrondo de uma bomba distante, vendo a fumaça subir para o céu. Mais tarde, quando a situação piorou, começamos a conversar sobre irmos embora juntos. Ficávamos à volta do meu globo iluminado, na penumbra do anoitecer, enquanto ele traçava com o dedo a viagem que Dahab e Aya haviam feito. Para elas tinha sido mais fácil. Numa gorda carteira de couro, Mustafá tinha os nomes e número de telefone de vários atravessadores. Percorremos os livros, verificando as finanças, calculando o possível custo da nossa fuga.

Logicamente, era difícil prever, os atravessadores mudavam suas taxas de uma hora para outra, mas tínhamos um plano, e Mustafá adorava planos, listas e itinerários. Eles faziam com que se sentisse seguro. Mas eu sabia que aquilo era só falatório; Mustafá não estava pronto para deixar as abelhas.

Certa noite, no alto verão, vândalos destruíram as colmeias. Puseram fogo nelas, e quando chegamos aos apiários pela manhã, tinham virado carvão. As abelhas tinham morrido e a área estava preta. Jamais vou esquecer o silêncio, aquele silêncio profundo e sem fim. Sem as nuvens de abelhas sobre o campo, deparamo-nos com um céu e uma luz imóveis. Naquele momento, enquanto eu estava na beira do terreno onde o sol se inclinava ao longo das colmeias arruinadas, tive uma sensação de vazio, um nada silencioso que me invadia sempre que eu inspirava. Mustafá sentou-se no chão no meio do terreno, com as pernas cruzadas e os olhos fechados. Caminhei por lá, esquadrinhando o chão à procura de abelhas vivas e pisando nelas porque não tinham colmeia, nem colônia. A maioria das colmeias tinha se desfeito completamente, mas algumas permaneciam como esqueletos, com os números ainda visíveis: 12, 21, 121, as colônias da avó, da mãe e da filha. Eu sabia, porque eu mesmo tinha dividido as colmeias. Três gerações de abelhas. Mas agora, não restava nenhuma. Fui para casa e pus Sami na cama, sentando-me por um tempo ao lado dele, enquanto ele dormia. Depois, fui para a varanda e contemplei o céu que escurecia, e a cidade inquietante abaixo.

No sopé da colina estava o Queiq. Na última vez em que vi o rio, ele estava cheio de lixo. No inverno, pescaram os corpos de homens e meninos. Estavam com as mãos amarradas, balas na cabeça. Naquele dia de inverno, em Bustan al-Qasr, na região sul, observei-os tirando fora os corpos. Acompanhei-os até uma velha escola, onde eles foram estendidos no pátio. Dentro do prédio estava escuro e havia velas acesas em um balde de areia. Uma mulher de meia-idade ajoelhou-se no chão ao lado de outro balde cheio de água. Ia limpar os rostos dos homens mortos, ela disse, para que as mulheres que os amavam os reconhecessem quando viessem à procura. Se eu tivesse sido um dos mortos no rio, Afra teria subido uma montanha para me encontrar. Teria nadado até o fundo daquele rio, mas isso foi antes de eles a cegarem.

Afra era diferente antes da guerra. Costumava fazer a maior bagunça o tempo todo. Se estivesse fazendo algum assado, por exemplo, haveria farinha por toda superfície, até em Sami. Ele estaria coberto de farinha. Quando pintava, fazia uma confusão. E se Sami também estivesse pintando, era ainda pior, como se eles tivessem sacudido pincéis ensopados de tinta por todo o quarto. Mesmo ao falar, ela era bagunceira, jogando palavras para cá e para lá, pegando-as de volta, jogando outras diferentes. Às vezes, ela mesma se interrompia. Quando ria, era uma risada tão forte que a casa balançava.

Mas quando ficava triste, meu mundo escurecia. Eu não tinha o que fazer quanto a isto. Ela era mais forte do que eu. Chorava como uma criança, ria como sinos tocando, e seu sorriso era o mais bonito que já vi. Poderia passar horas discutindo sem fazer uma pausa. Afra amava, detestava e aspirava o mundo como se fosse uma rosa. Por tudo isso, eu a amava mais do que à vida.

A arte que ela fazia era incrível. Ganhou prêmios por suas pinturas da Síria urbana e rural. Aos domingos de manhã, íamos todos ao mercado e montávamos uma barraca, bem em frente a Hamid, que vendia temperos e chá. A barraca era na parte coberta do *souq*⁷. Ali era escuro e um pouco úmido, mas dava para sentir o cheiro de cardamomo, canela, anis e um milhão de outros condimentos. Mesmo sob aquela luz fraca, as paisagens em suas pinturas não ficavam paradas. Era como se estivessem se movendo, como se o céu que havia nelas estivesse se movendo, como se a água que havia nelas estivesse se movendo.

Você devia ter visto a maneira como ela se relacionava com os clientes que se aproximavam da barraca, empresários e mulheres, principalmente da Europa ou da Ásia. Naqueles momentos, ela se sentava, muito quieta, com Sami no colo, os olhos fixos nos clientes, enquanto eles se aproximavam de uma pintura, levantando os óculos – quando os usavam –, depois se afastando, muitas vezes recuando tanto que batiam nos clientes de Hamid, e então ficavam ali parados por um longo tempo. E muitas vezes os clientes diziam: – Afra é *você*? E ela respondia: – Sim, sou a Afra. – E isso bastava. Pintura vendida.

Havia todo um mundo nela, e os clientes podiam ver isto. Naquele momento, enquanto observavam a pintura e depois olhavam para ela, viam do que era feita. A alma de Afra era tão vasta quanto os campos, o

deserto, o céu, o mar e o rio que ela pintava, e igualmente misteriosa. Sempre havia mais para saber, entender, e por mais que eu soubesse, não era suficiente, eu queria mais. Mas na Síria existe um ditado: *Dentro de quem você conhece, existe alguém que você não conhece*. Eu a amei desde o dia em que a conheci, no casamento do filho mais velho do meu primo Ibrahim, no hotel Dama Rose, em Damasco. Ela usava um vestido amarelo com um *hijab* de seda. E seus olhos não eram do azul do mar, nem do azul do céu, mas do azul escuro do Rio Queiq, com volutas de marrom e verde.

Lembro-me da noite do nosso casamento, dois anos depois, e como ela quis que eu tirasse seu *hijab*. Tirei os grampos, delicadamente, um por um, desenrolando o tecido, e vendo, pela primeira vez, seu longo cabelo preto, tão escuro quanto o céu sobre o deserto numa noite sem estrelas.

Mas o que eu mais amava nela era sua risada. Ela ria como se jamais fôssemos morrer.

Quando as abelhas morreram, Mustafá ficou pronto para deixar Aleppo. Estávamos prestes a ir, quando Firas sumiu, então esperamos por ele. Mustafá mal falava nessa época, sua mente totalmente preocupada, imaginando uma coisa ou outra. De vez em quando dava um palpite sobre onde Firas poderia estar. “Talvez ele tenha ido encontrar os amigos, Nuri”, ou “Talvez ele não se conforme em deixar Aleppo, esteja se escondendo em algum lugar, para que a gente fique” ou, uma vez “Talvez tenha morrido, Nuri. Talvez meu filho tenha morrido”.

Nossas malas estavam feitas e estávamos prontos, mas os dias e noites se passavam sem sinal de Firas. Então, Mustafá trabalhou em um necrotério, num prédio abandonado, onde registrava os detalhes e a causa da morte: balas, estilhaços, explosão. Era esquisito vê-lo num recinto fechado, longe do sol. Tinha um caderno preto e trabalhava o tempo todo, anotando com um toco de lápis os detalhes dos mortos. Quando conseguia identificar os cadáveres, sua tarefa ficava mais fácil; outras vezes, anotava um traço marcante, como a cor do cabelo ou dos olhos, a forma particular do nariz, uma verruga na face esquerda. Mustafá fez isso até aquele dia de inverno, quando eu trouxe seu filho do rio. Reconheci o adolescente morto nas lajes do pátio da escola. Pedi a

dois homens que tinham um carro para me ajudarem a levar o corpo até o necrotério. Quando Mustafá viu Firas, pediu que o deitássemos sobre a mesa, depois fechou os olhos do menino e ficou por um longo tempo imóvel, segurando sua mão. Fiquei à porta, enquanto os outros homens iam embora, o som de um motor, o carro se afastando, e então baixou uma quietude, muita quietude, e a luz entrou pela janela acima da mesa onde o menino estava deitado, onde Mustafá, em pé, segurava sua mão. Por um tempo não se ouviu um som, nem uma bomba, ou passarinho, ou uma respiração.

Então, Mustafá afastou-se da mesa, colocou os óculos, e afiou o pequeno lápis com uma faca, e sentando-se à mesa, abriu o caderno preto e escreveu:

Nome – meu menino lindo.

causa da morte – Este mundo esfacelado.

E essa foi a última vez que Mustafá anotou os nomes dos mortos. Exatamente uma semana depois, Sami foi morto.

A assistente social diz que está aqui para nos ajudar. Seu nome é Lucy Fisher, e ela parece impressionada que eu fale inglês tão bem. Conto-lhe sobre meu trabalho na Síria, sobre as abelhas e as colônias, mas percebo que ela, na verdade, não me ouve. Está preocupada com os papéis a sua frente.

Afra nem ao menos vira o rosto para ela. Se você não soubesse que ela estava cega, pensaria que olhava pela janela. Hoje tem um pouco de sol, e ele se reflete das suas íris, o que faz com que pareçam água. As mãos dela estão entrelaçadas sobre a mesa da cozinha, e os lábios, cerrados. Ela entende um pouco de inglês, o suficiente para compreender, mas não fala com ninguém, além de mim. A única outra pessoa com quem a escutei falando foi Angeliki, cujos seios vazavam leite. Eu me pergunto se ela conseguiu encontrar uma maneira de sair daquela mata.

– Que tal as instalações, sr. e sra. Ibrahim? – Lucy Fisher, com seus grandes olhos azuis e os óculos com armação prateada, consulta seus papéis, como se a resposta a sua pergunta estivesse neles. Esforço-me para ver sobre o que o marroquino falava.

Ela olha para mim agora, e seu rosto irradia cordialidade.

– São muito limpas e seguras – digo –, em comparação a outros lugares. – Não conto a ela sobre esses outros lugares, e certamente não conto sobre os camundongos e as baratas em nosso quarto. Temo parecer ingrátidão.

Ela não faz muitas perguntas, mas explica que logo seremos entrevistados por um agente da imigração. Empurra os óculos para o alto do nariz e me garante, num tom suave e preciso, que assim que recebermos a documentação probatória do nosso pedido de asilo, Afra poderá consultar um médico sobre a dor em seus olhos. Ela olha para

Afra e noto que as mãos de Lucy Fisher estão entrecruzadas a sua frente exatamente da mesma maneira que minha esposa. Tem algo nisso que me parece estranho. Então, ela me passa um maço de papéis. Um pacote do Ministério do Interior: informação sobre pedido de asilo, elegibilidade, observações sobre seleção, observações sobre o processo de entrevista. Dou uma olhada e ela espera, paciente, observando-me.

Para permanecer no Reino Unido como refugiado é preciso que você não consiga viver em segurança em nenhuma parte do seu próprio país, por temer ser perseguido ali.

– Nenhuma parte? – pergunto. – Vocês nos mandarão de volta para uma região diferente?

Ela franze o cenho, puxando uma mecha de cabelo, e seus lábios se cerram como se ela tivesse comido algo horroroso.

– O que vocês precisam fazer agora – diz – é organizar sua história. Pensem no que vão dizer ao agente de imigração. Prestem atenção para que tudo seja claro, coerente e tão objetivo quanto possível.

– Mas vocês mandarão a gente de volta para a Turquia ou a Grécia? O que significa perseguição para vocês? – Digo isto mais alto do que pretendia, e meu braço começa a latejar. Esfrego a linha grossa da carne rígida, lembrando-me do gume da faca, e o rosto de Lucy Fisher fica borrado, minhas mãos tremem. Desabotoo o botão de cima da minha camisa. Tento manter as mãos quietas.

– Está quente aqui? – pergunto.

Ela diz algo que não consigo escutar, só vejo que seus lábios se movem. Agora, ela está se levantando, e posso sentir Afra se mexendo na cadeira ao meu lado. Há o som de água correndo. Um rio fluindo. Mas vejo uma centelha, como a borda de uma faca muito afiada. A mão de Lucy Fisher girando a torneira, caminhando até mim, colocando o copo em minhas mãos, e erguendo-o até o meu rosto, como se eu fosse uma criança. Bebo a água, toda ela, e Lucy Fisher senta-se. Agora, posso vê-la claramente, e ela parece amedrontada. Afra coloca a mão na minha perna.

O céu estala. Está chovendo. Chuva torrencial. Pior ainda do que Leros, onde a terra estava saturada de chuva e mar. Percebo que ela falou, escuto sua voz em meio à chuva, escuto a palavra *inimigo*, e ela me encara de cenho franzido, seu rosto branco parece afogueado.

– Como é? – pergunto.

– Eu disse que estamos aqui para ajudar tanto quanto possível.

– Escutei a palavra *inimigo* – digo.

Ela joga os ombros para trás e aperta os lábios, olha novamente para Afra, e na centelha de raiva que acende seu rosto e seus olhos, entendo sobre o que o marroquino estava falando. Mas não é comigo que ela está zangada; ela não pode realmente me ver.

– Eu só disse que não sou sua inimiga. – Agora, seu tom de voz é o de quem se desculpa, ela não deveria ter dito aquilo, escapou, está sob pressão, noto isso pela maneira com que puxa sua mecha de cabelo. Mas as palavras ainda ressoam no cômodo, mesmo enquanto ela junta suas coisas, mesmo enquanto fala com Afra, que agora balança a cabeça muito de leve para ela, ao menos para reconhecer sua presença.

– Espero que esteja bem, sr. Ibrahim – ela diz ao sair.

Seria bom se eu soubesse quem era meu inimigo.

Mais tarde, saio para o jardim cimentado e me sento na cadeira sob a árvore. Lembro-me das abelhas zumbindo, do som de paz, quase consigo sentir o cheiro do mel, flores de limoeiro e anis, mas isto é, repentinamente, substituído pelo cheiro oco de cinzas.

Há um zumbido. Não um som coletivo, como o de milhares de abelhas nos apiários, mas um único zumbido. No chão, junto aos meus pés, há uma abelha. Olhando de perto, vejo que ela não possui asas. Estendo a mão, e ela sobe no meu dedo, indo até a palma; uma mamangaba, roliça e peluda, pelagem muito macia, com largas faixas de amarelo e preto e uma longa língua enfiada debaixo do corpo. Agora, ela caminha nas costas do meu pulso, então a levo para dentro, e me sento na poltrona, observando-a enquanto ela se aninha na minha mão, preparando-se para dormir. Na sala de visitas, a proprietária nos traz chá com leite. Esta noite, está movimentado aqui. A maioria das mulheres foi para a cama, menos uma, que fala baixinho com um homem a seu lado,

em farsi. Pelo jeito como ela usa seu *hijab* solto sobre o cabelo, sei que, provavelmente, é do Afeganistão.

O marroquino sorve o chá como se fosse a melhor coisa que ele já provou. Estala os lábios após cada gole. Ocasionalmente, verifica seu celular, depois fecha seu livro e tamborila nele com a palma da mão, como se fosse a cabeça de uma criança.

– O que é isso na sua mão? – ele pergunta.

Estendo a mão para que ele possa ver a abelha.

– Ela não tem asas – digo. – Desconfio que tem o vírus da asa deformada.

– Sabe – ele diz –, no Marrocos existe uma estrada do mel. Vêm pessoas do mundo todo para experimentar o nosso mel. Em Agadir, temos cachoeiras e montanhas cheias de flores que atraem pessoas e abelhas. Eu me pergunto como são essas abelhas britânicas. – Ele se inclina mais para perto, para dar uma olhada melhor, ergue a mão como se estivesse prestes a acariciá-la com o dedo, como se ela fosse um cachorro minúsculo, mas muda de ideia. – Ela ferroa? – pergunta.

– É possível.

Ele leva a mão para a segurança do seu colo. – O que você vai fazer com ela?

– Não posso fazer grande coisa. Vou levá-la de volta lá para fora. Deste jeito, ela não vai viver muito. Foi banida da colônia por não ter asas.

Ele olha para o pátio, através das portas de vidro. Trata-se de um pequeno quadrado cimentado, com lajotas e uma cerejeira no meio.

Eu me levanto e encosto o rosto no vidro. São nove horas e o sol está se pondo. A cerejeira é alta e negra, contra o céu em brasa.

– Agora tem sol, mas em três minutos vai chover – digo. – As abelhas não saem na chuva. Elas jamais saem na chuva, e aqui chove setenta por cento do tempo.

– Acho que as abelhas inglesas são diferentes – ele diz. Quando me viro para ele, está novamente sorrindo. Não gosto que ele me ache divertido.

Há um banheiro no andar de baixo, e um dos homens foi ocupar o vaso sanitário. Seu jorro no vaso soa como uma cachoeira.

– Maldito estrangeiro – diz o marroquino, levantando-se para ir para a cama. – Ninguém urina em pé. Sente-se!

Saio para o pátio e coloco a abelha na flor de uma urze junto à cerca.

No canto da sala há um computador com acesso à internet. Sento-me à mesa para ver se Mustafá me mandou outra mensagem. Ele deixou a Síria antes de mim, e andamos trocando mensagens ao longo de nossas viagens. Está à minha espera no norte da Inglaterra, em Yorkshire. Lembro-me de como suas palavras me mantiveram em movimento. *Onde há abelhas há flores, e onde há flores há vida nova e esperança.* Vim para cá por causa de Mustafá. Ele é o motivo de Afra e eu continuarmos em frente até chegarmos ao Reino Unido. Mas agora só consigo ficar com o olhar fixo no reflexo do meu rosto na tela. Não quero que Mustafá saiba o que me tornei. Estamos finalmente no mesmo país, mas se nos encontrarmos, ele verá um homem destruído. Não acredito que me reconhecerá. Dou as costas para a tela.

Espero ali até que a sala se esvazie, até que todos os moradores com suas línguas estrangeiras e maneiras estrangeiras tenham saído, e o único som seja o do trânsito à distância. Imagino uma colmeia fervilhando de abelhas amarelas, e que quando elas saem, vão direto para o céu e para longe, à procura de flores. Tento visualizar a região além, as estradas, as luzes da rua e o mar.

A luz do sensor acende-se repentinamente no jardim. De onde estou sentado na poltrona, de frente para as portas, posso ver uma sombra, uma coisa pequena e escura, passando rápido pelo pátio. Parece ser uma raposa. Levanto-me para dar uma olhada, e a luz se apaga. Encosto o rosto no vidro, mas a coisa é maior do que uma raposa e está em pé. Ela se move e a luz torna a se acender. É um menino com as costas viradas para mim. Por um buraco na cerca, ele olha o outro jardim. Bato com força no vidro, mas ele não se vira. Procuro a chave e encontro-a pendurada em um prego atrás da cortina. Quando me aproximo, o menino se vira de frente para mim, como se estivesse a minha espera, olhando-me com aqueles olhos negros que pedem respostas para todas as questões do mundo.

– Mohammed – digo baixinho, para não assustá-lo.

– Tio Nuri – ele diz –, veja aquele jardim, tem muito verde ali!

Ele sai de lado para que eu possa dar uma olhada. Está tão escuro que não consigo ver nenhum verde, apenas as sombras suaves de arbustos e árvores.

– Como foi que você me achou? – pergunto, mas ele não responde. Sinto que preciso ser cauteloso. – Você quer entrar? – Mas ele se senta no cimento, pernas cruzadas, e volta a espiar pelo buraco. Sento-me ao seu lado.

– Tem um litoral aqui – ele diz.

– Eu sei.

– Não gosto do mar – ele diz.

– Eu sei. Eu me lembro.

Ele está segurando alguma coisa na mão. É branca e posso sentir o cheiro de limões, mas aqui não tem limões.

– O que é isso? – pergunto.

– Uma flor.

– Onde você a conseguiu?

Abro a mão e ele a coloca na minha palma. Diz que a colheu no limoeiro em

...Alepo...

era só poeira. Afra não queria ir embora. Todo mundo tinha partido. Agora, até Mustafá estava desesperado para partir. Mas Afra não. A casa de Mustafá ficava na estrada que dava para o rio, e eu descia a colina para visitá-lo. Não era uma longa caminhada, mas havia franco-atiradores e eu precisava tomar cuidado. Os passarinhos cantavam normalmente. O som do canto dos pássaros nunca muda. Mustafá me disse isso muitos anos atrás. E sempre que não havia ruído de bombas, os passarinhos saíam para cantar. Empoleiravam-se nos esqueletos de árvores, em crateras, fios e muros destruídos e cantavam. Voavam lá para o alto, no céu intocado, e cantavam.

Conforme eu me aproximava da casa de Mustafá, podia ouvir, mesmo à distância, o leve som de música. Sempre o encontrava sentado na cama do seu quarto semibombardeado, um vinil tocando num velho toca-discos, mordendo e inalando a ponta do seu cigarro, a fumaça subindo em nuvens acima dele, ao seu lado, na cama, um gato ronronando. Mas naquele dia, quando cheguei, Mustafá não estava lá. O gato dormia no lugar onde ele costumava se sentar, sua cauda enrolada ao redor do corpo. No criado-mudo, encontrei uma foto de nós dois, tirada no ano em que abrimos nosso negócio em parceria. Estávamos os dois apertando os olhos contra o sol, Mustafá no mínimo trinta centímetros mais alto do que eu, os apiários atrás de nós. Eu sabia que estávamos cercados por abelhas, embora elas não fossem visíveis na foto. Debaixo da fotografia, havia uma carta.

Caro Nuri,

Às vezes acho que se continuar andando, encontrarei alguma luz, mas sei que posso andar até o outro lado do mundo e ainda haverá escuridão. Não é como a escuridão da noite, que também tem a luz branca das estrelas, da lua. Esta escuridão está dentro de mim, e não tem nada a ver com o mundo exterior.

Agora, tenho uma imagem do meu filho deitado naquela mesa, e nada pode fazê-la se apagar. Vejo-o sempre que fecho os olhos.

Agradeço por vir comigo todos os dias até o jardim. Se pelo menos tivéssemos algumas flores para pôr no túmulo dele! Às vezes, em minha mente, ele está sentado à mesa, comendo lakhma⁸. Com a outra mão, ele cutuca o nariz, e depois limpa-a no short, e eu lhe digo para parar de ser como o pai dele, e ele diz: "mas você é meu pai!", e ri. Aquela risada. Posso ouvi-la. Ela voa acima da

terra e desaparece à distância com os passarinhos. Acho que isto é sua alma, agora ela está livre. Ah, Alá, mantenha-me vivo enquanto for bom para mim, e quando a morte for melhor para mim, leve-me.

Ontem, saí para dar uma caminhada até o rio, e vi quando quatro soldados enfileiraram um grupo de meninos. Vendaram-nos e atiraram neles, um a um, e jogaram seus corpos no rio. Recuei e assisti a tudo isso, e imaginei Firas ali parado, entre eles, o medo em seu coração, sabendo que iria morrer, o fato de ele não poder ver o que estava acontecendo e só poder ouvir os tiros. Espero que ele tenha sido o primeiro da fila a morrer. Nunca pensei que um dia desejaria isto. Também fechei os olhos e escutei, e entre os tiros e os baques de corpos caindo, ouvi um menino chorando. Chamava pelo pai. Os outros meninos estavam calados, temerosos demais para fazer um som. Num grupo, sempre tem uma pessoa com mais coragem do que o resto. É preciso bravura para gritar, para soltar o que existe no coração. Então, ele foi silenciado. Eu tinha um rifle na mão. Encontrei-o na semana passada, ao lado da rua, carregado com três balas. Então, eu tinha três tiros e havia quatro homens. Esperei até eles estarem com a guarda baixa, até se sentarem à margem do rio fumando cigarros e colocando os pés na água onde haviam jogado os corpos.

Minha pontaria foi boa. Acertei um na cabeça, um no estômago e o terceiro no coração. O quarto homem ficou em pé e ergueu as mãos para cima, e quando percebeu que já não me restavam tiros, partiu para sua arma e eu corri. Ele viu meu rosto e eles vão me encontrar. Preciso partir esta noite. Preciso chegar até Dahab e Aya. Não devia ter esperado tanto tempo para partir, mas não queria ir sem você e abandoná-lo aqui, no inferno.

Não posso esperar aqui para me despedir. Você precisa convencer Afra a partir. Você é compreensivo demais, sensível demais. Isto são qualidades admiráveis quando se trata de trabalhar com abelhas, mas não agora. Vou para a Inglaterra encontrar minha mulher e minha filha. Saia deste lugar, Nuri, ele já não é nossa casa. Agora, Alepo é como o cadáver de um ente amado, não tem vida, nem alma, está cheia de sangue podre.

Lembro-me da primeira vez em que você veio até os apiários do meu pai nas montanhas, e ficou ali parado, cercado de abelhas, sem equipamento de proteção, cobrindo os olhos com as mãos, e você me disse: "Mustafá, é aqui que eu quero estar", mesmo sabendo que seu pai não ficaria feliz. Lembre-se disto, Nuri. Lembre-se da força que você teve então. Pegue Afra e venha ao meu encontro.

Mustafá.

Sentei-me na cama e chorei, soluzei como uma criança. A partir daquele dia, trago a fotografia e a carta no bolso, mas Afra não queria partir, então eu saía todos os dias e explorava as ruínas à procura de comida, e voltava com um presente para ela. Encontrava muitos fragmentos estranhos, peças quebradas ou não da vida das pessoas: um sapato de criança, uma coleira de cachorro, um celular, uma luva, uma chave. Interessante achar uma chave quando não há portas para abrir. Pensando nisso, ainda mais estranho era achar um sapato ou uma luva quando já não existe mão ou pé para calçá-los.

Eram presentes tristes. Mesmo assim, eu os oferecia a ela, colocava-os no seu colo, esperando uma reação que nunca veio. Mas continuava tentando. Era uma boa distração. Todos os dias eu saía e encontrava uma coisa nova. Um dia, encontrei o melhor presente de todos, uma romã.

– O que você viu? – ela me perguntou, quando parei junto à porta.

Estava sentada na cama de armar, onde Sami costumava dormir, de frente para a janela, com as costas para a parede. Lembrou-me um gato, em seu *hijab* preto, aquele rosto branco petrificado e grandes olhos cinza. Nem um mínimo de expressão. Eu só conseguia entender como ela se sentia pela sua voz, ou quando ela beliscava sua pele com tanta força que sangrava.

O cômodo cheirava a pão quente, a vida normal. Comecei a falar, mas parei, e ela virou o ouvido para mim, com uma leve torção da cabeça.

Vi que ela tinha voltado a fazer pão.

– Você fez *khubz*?⁹ – perguntei.

– Fiz para o Sami, não para você. Mas o que foi que você viu? – ela disse.

– Afra...

– Não sou idiota, sabe? Não perdi o juízo. Só queria fazer um pouco de pão para ele. Tudo bem pra você? Minha mente é mais perspicaz do que a sua, não se esqueça. O que você viu?

– A gente tem que fazer isto toda vez?

Olhei para ela. Entrelaçou os dedos.

– Então... as casas – comecei – parecem carcaças, Afra. Carcaças. Se você pudesse vê-las, choraria.

– Você me disse isto ontem.

– E agora o armazém está vazio. Mas ainda tem frutas nos engradados onde Adnan as deixou: romãs, figos, bananas e maçãs. E estão todas podres, agora, e as moscas, milhares delas infestando no calor. Mas remexi por lá e achei uma boa. E trouxe pra você. – Fui até ela e coloquei a romã em seu colo. Ela a pegou, sentiu sua carne com os dedos, girou-a, apertou-a nas mãos.

– Obrigada – disse. Mas não havia qualquer expressão.

Eu tinha esperança de que a romã fosse sensibilizá-la. Antes, ela passava horas descascando-as e tirando as sementes. Cortava-as ao meio, empurrava o centro um pouquinho para fora, depois começava a bater nelas com uma colher de pau, e quando tinha enchido a vasilha de vidro até o topo, sorria e dizia que tinha mil pedras preciosas. Gostaria que ela sorrisse. Mas era um desejo estúpido e egoísta. Ela não tinha nada pelo que sorrir. Seria melhor desejar que a guerra chegasse ao fim. Mas eu precisava de algo em que me agarrar, e se ela sorrisse, se por algum milagre ela sorrisse, seria como encontrar água no deserto.

– Por favor, me diga – ela não desistia. – O que você viu?

– Eu te contei.

– Não, você me contou o que viu ontem. Não o que viu hoje. E hoje você viu alguém morrer.

– Sua mente está te pregando peças. É toda essa escuridão.

Eu não deveria ter dito isso. Pedi desculpas uma, duas, três vezes, mas seu rosto não mudou.

– Eu sei pelo jeito que você respirava quando entrou – ela disse.

– E como é que eu estava respirando?

– Como um cachorro.

– Eu estava totalmente calmo.

– Calmo como uma tempestade.

– Tudo bem, então, quando saí da mercearia, fiz um pequeno desvio. Queria ver se Akram ainda estava aqui, e peguei a longa estrada que leva a Damasco, logo depois da ribanceira, naquela curva onde aquela caminhonete vermelha costumava parar às segundas-feiras.

Ela assentiu com um gesto de cabeça. Podia visualizar tudo, agora, em sua mente. Precisava de todos os detalhes. Acabei percebendo isto; ela precisava dos pequenos detalhes para poder ver o quadro por inteiro, de

modo a fingir que eram seus olhos que viam aquilo tudo. Ela voltou a assentir com a cabeça, incitando-me a continuar.

– Então, me aproximei atrás de dois homens armados e entreouvi-os fazendo apostas sobre alguma coisa. Planejavam usar algo para praticar pontaria. Quando concordaram com as apostas, percebi que falavam sobre um menino de oito anos que brincava sozinho na rua. Para ser sincero, não sei o que ele estava fazendo ali. Por que sua mãe deixou-o...

– Que roupa ele estava usando? – ela perguntou. – O menino de oito anos, que roupa ele estava usando?

– Um pulôver vermelho e short azul. Era um short jeans.

– E de que cor eram seus olhos?

– Não vi seus olhos. Imagino que fossem castanhos.

– É um menino que eu conhecia?

– Pode ser – respondi. – Eu não o reconheci.

– E do que ele estava brincando?

– Tinha um caminhão de brinquedo.

– De que cor?

– Amarelo.

Ela estava adiando o inevitável, segurando-se no menino vivo o maior tempo possível, mantendo-o vivo. Deixei que ficasse em silêncio por alguns momentos, enquanto ela revirava aquilo em sua mente. Talvez estivesse memorizando as cores, os movimentos do menino. Ficaria com aquilo.

– Continue – disse.

– Percebi tarde demais – eu disse. – Um deles tinha feito a aposta e acertou na cabeça. Todo mundo correu e a rua ficou deserta.

– O que você fez?

– Não consegui me mexer. A criança estava deitada na rua. Não consegui me mexer.

– Você poderia ter levado um tiro.

– Não foi um tiro certo, e ele não morreu na mesma hora. A mãe dele estava dentro de casa, na mesma rua, e gritava. Ela queria ir até ele, mas os homens continuaram disparando na rua, gritando. Gritavam: “Você não pode ir até o seu filho. Você não pode ir até o seu filho”.

Chorei com o rosto nas mãos, pressionando as palmas contra os olhos. Queria poder me livrar daquilo que vi. Queria me livrar de tudo.

minha, e o cheiro de pão por perto.

Uma bomba caiu na escuridão, o céu se iluminou com um clarão, e ajudei Afra a se aprontar para dormir. A essa altura, ela sabia se movimentar pela casa, sentindo as paredes com as mãos, palmas abertas, pés arrastando-se, e conseguia fazer pão, mas à noite queria que eu a despisse. Queria que eu dobrasse suas roupas, colocasse-as na cadeira junto à cama, onde costumava colocá-las. Tirei seu *abaya*, enquanto ela erguia os braços acima da cabeça, como uma criança. Removi seu *hijab* e seu cabelo caiu sobre os ombros. Então, ela se sentou na cama e esperou por mim, enquanto eu me aprontava. Fazia silêncio naquela noite, não havia mais bombas, e o quarto estava imerso em paz e luar.

Havia uma imensa cratera naquele cômodo; faltavam a parede do outro lado e parte do teto, deixando uma boca aberta para o jardim e o céu. O jasmim sobre a marquise captou a luz, e atrás dele a figueira estava escura, pendendo baixa sobre o balanço de madeira, aquele que fiz para Sami. Mas era um silêncio oco; faltava o eco de vida. A guerra estava sempre presente. As casas estavam vazias ou eram lares para mortos. Os olhos de Afra brilhavam sob a luz fraca. Quis abraçá-la, beijar a pele macia dos seus seios, perder-me nela. Por um minuto, apenas um, esqueci. Então, ela se virou para mim como se pudesse me ver, e, como se soubesse o que eu estava pensando, disse:

– Sabe, se amarmos alguma coisa, ela será levada embora.

Nós dois nos deitamos, e lá de longe veio o cheiro de fogo, coisas queimadas e cinzas. Embora estivesse de frente para mim, ela não me tocou. Não tínhamos feito amor desde a morte de Sami, mas às vezes ela me deixava segurar na sua mão, e eu girava o dedo em volta da sua palma.

– Temos que ir, Afra – eu disse.

– Eu já te disse. Não.

– Se a gente ficar...

– Se a gente ficar, morreremos – ela disse.

– Exatamente.

– Exatamente. – Agora, seus olhos estavam abertos e vazios.

– Você está esperando sermos atingidos por uma bomba. Se quiser que aconteça isto, jamais acontecerá.

– Então, vou parar de querer. Não vou deixá-lo.

Eu estava prestes a dizer “Mas ele já se foi. Sami foi embora. Não está aqui. Não está aqui no inferno, conosco, está em algum outro lugar. E não estamos mais perto dele ficando aqui”. E ela responderia: “Eu sei disso. Não sou idiota”.

Então, fiquei calado. Percorri com o dedo o redor da sua palma, enquanto ela esperava sermos atingidos por uma bomba. E quando acordei à noite, estendi a mão para tocá-la, para ter certeza de que ela continuava ali, de que ainda estávamos vivos. E no escuro, lembrei-me dos cachorros comendo cadáveres humanos nos campos onde costumava haver rosas, e em algum lugar à distância escutei um guincho selvagem, metal com metal, como uma criatura sendo arrastada para a morte. Coloquei a mão no peito dela, entre seus seios, e senti seu coração bater. Voltei a dormir.

Pela manhã, o muezim clamou para casas vazias, para que fossem rezar. Saí para tentar achar um pouco de farinha e ovos, antes que o pão acabasse. Arrastei os pés na poeira. Estava muito grossa, era como caminhar na neve. Havia carros incendiados, varais de roupas sujas penduradas em terraços abandonados, fios elétricos balançando baixo nas ruas, lojas bombardeadas, prédios de apartamentos com os telhados explodidos, pilhas de lixo nas ruas. Tudo fedia a morte e borracha queimada. Ao longe, subia uma fumaça, espiralando para o céu. Senti a boca seca, as mãos cerradas e trêmulas, encurralado por aquelas ruas distorcidas. Na terra além, as aldeias estavam queimadas, pessoas jorrando como um rio para ir embora, as mulheres apavoradas porque os paramilitares estavam à solta, e elas temiam ser estupradas. Mas ali, ao meu lado, havia uma roseira damascena totalmente florida. Quando fechei os olhos e senti o perfume, pude fingir, por um instante, não ter visto as coisas que tinha visto.

Ao erguer os olhos do chão, vi que tinha chegado a um posto de controle. Dois soldados achavam-se no meu caminho. Os dois portavam

metralhadoras. Um deles usava um *keffiyeh*¹⁰ xadrez. O outro pegou uma arma na traseira de um caminhão e empurrou-a contra o meu peito.

– Pegue – o homem disse.

Tentei imitar o rosto da minha mulher. Não queria demonstrar qualquer emoção. Eles me devorariam por isto. O homem empurrou a arma com mais força contra o meu peito, e eu tropecei, caindo de encontro ao cascalho.

Ele jogou a arma no chão, e olhei para cima, vendo os dois homens em pé sobre mim, e agora o homem com o *keffiyeh* apontava a arma para o meu peito. Não consegui manter a calma, e pude me ouvir implorando pela minha vida, humilhando-me com os joelhos na terra.

– Por favor – eu dizia –, não é que eu não queira. Sentiria orgulho, seria o homem mais orgulhoso do mundo em pegar aquela arma em seu nome, mas minha esposa está doente, gravemente doente, e precisa de mim para cuidar dela. – Mesmo enquanto eu dizia isto, não achava que eles se incomodariam. Por que deveriam? Crianças morriam a cada minuto. Por que eles se preocupariam com minha esposa doente?

– Sou forte – eu disse – e inteligente. Trabalharei duro para vocês. Só preciso de alguns dias. É só o que peço.

O outro homem tocou no ombro do homem com o *keffiyeh*, e ele abaixou a arma.

– Da próxima vez em que a gente te vir – disse o outro homem – ou você pega uma arma e fica do nosso lado, ou procure alguém para levar o seu corpo.

Decidi ir direto para casa. Enquanto andava, percebia uma sombra atrás de mim, e não tinha certeza se estava sendo seguido, ou se era a minha mente me pregando peças. Ficava imaginando uma figura encapotada, do tipo que aparece nos pesadelos infantis, pairando sobre a poeira atrás de mim. Mas quando eu me virava, não havia ninguém.

Cheguei em casa e Afra estava sentada na cama de armar, com as costas contra a parede, de frente para a janela, segurando a romã, girando-a, sentindo sua carne. Aguçou os ouvidos quando entrei, mas antes que ela pudesse dizer qualquer coisa, andei pela casa procurando uma mala, enchendo-a de coisas.

– O que está acontecendo? – Seus olhos perscrutando a escuridão.

- Vamos embora.
- Não.
- Se eu ficar, eles me matam.

Eu estava na cozinha, enchendo garrafas de plástico com água da torneira. Embalei uma muda extra de roupas para cada um de nós. Depois, busquei debaixo da cama os passaportes e o dinheiro guardado. Afra não tinha conhecimento dele. Era o dinheiro que Mustafá e eu tínhamos conseguido separar, antes de o negócio fracassar, e eu também tinha um pouco numa conta particular, que eu esperava ainda poder acessar depois que partíssemos. Ela dizia alguma coisa do outro cômodo. Palavras de protesto. Também embalei o passaporte de Sami; não conseguiria deixá-lo aqui. Depois, voltei para a sala com nossas malas.

– Fui parado pelo exército. Eles puseram uma arma no meu peito – eu disse.

– Você está mentindo. Por que isto nunca aconteceu antes?

– Vai ver que antes ainda havia homens mais jovens por aqui. Eles não me notavam. Não tinham motivo para isso. Nós somos os únicos idiotas que sobraram.

– Eu não vou.

– Eles vão me matar.

– Que seja.

– Eu disse a eles que precisava de alguns dias para cuidar de você. Eles concordaram em me dar só alguns dias. Se me virem de novo e eu não me juntar a eles, vão me matar. Disseram que eu deveria arrumar alguém para levar o meu corpo.

Quando eu disse isto, seus olhos arregalaram-se e houve um medo súbito em seu rosto, um medo real. Perante a ideia de me perder, talvez pensando no meu cadáver, ela criou vida e levantou-se. Apalpou o caminho pelo corredor e eu fui atrás, sem fôlego, e então ela se deitou na cama e fechou os olhos. Tentei argumentar com ela, mas ela ficou ali deitada como um gato morto, com seu *abaya* preto e o *hijab* preto, e aquele rosto pétreo que eu agora desprezava.

Sentei-me na cama de Sami e olhei pela janela; vi o céu cinzento, um cinza metálico, e não havia passarinhos. Fiquei ali o dia todo, a noite toda, até ser engolido pela escuridão. Lembrei-me de como as abelhas operárias viajavam para encontrar novas flores e néctar, e depois

voltavam para contar às outras abelhas. A abelha sacudia o corpo, o ângulo da sua dança em relação ao favo contava às outras abelhas a direção das flores em relação ao sol. Desejei que houvesse alguém para me guiar, para me dizer o que fazer e que caminho seguir, mas me senti completamente só.

Pouco antes da meia-noite, deitei-me ao lado de Afra. Ela não tinha se movido um centímetro. Eu tinha a fotografia e a carta debaixo do meu travesseiro. E dessa vez, quando acordei no meio da noite, vi que ela estava de frente para mim, sussurrando meu nome.

– O quê? – perguntei.

– Escute.

Na frente da casa, passos e vozes masculinas, depois uma risada, uma risada do fundo da garganta.

– O que eles estão fazendo? – ela perguntou.

Saí da cama e fui em silêncio até o lado dela, peguei na sua mão ajudando-a a se levantar, levando-a até a porta dos fundos e para o jardim. Ela seguiu sem fazer perguntas, sem hesitação. Bati o pé no chão para encontrar o telhado de metal, depois o deslizei para o lado e ajudei-a a se sentar ao lado da abertura, com as pernas sobre a beirada, de modo a eu poder entrar primeiro e descê-la. Em seguida, puxei o telhado sobre nós.

Nossos pés afundaram em centímetros de água, cheia de lagartos e insetos que tinham feito do espaço sua casa. Eu tinha cavado aquele esconderijo no ano anterior. Afra passou os braços à minha volta e afundou o rosto na curva do meu pescoço. Ficamos assim no escuro, os dois cegos então, naquela cova feita para dois. No silêncio absoluto, o único som restante na terra era a sua respiração. E talvez ela estivesse certa. Talvez devêssemos ter morrido assim, e ninguém precisaria pegar os nossos corpos. Então uma criatura mexeu-se por lá, junto à minha orelha esquerda, e acima de nós, e do lado de fora coisas moveram-se, quebraram-se e estalaram. Agora, os homens deviam ter entrado na casa. Eu podia senti-la tremendo contra mim.

– Sabe de uma coisa, Afra? – eu disse.

– O quê?

– Preciso peidar.

Houve um segundo de silêncio, e então ela começou a rir. Riu e riu junto ao meu pescoço. Foi uma risada silenciosa, mas todo o seu corpo sacudiu-se com ela, e apertei-a mais contra mim, pensando que sua risada era a coisa mais linda que restava na terra. Mas por um instante não consegui dizer, de fato, se ela ainda estava rindo ou se tinha começado a chorar, até sentir meu pescoço molhado de lágrimas. E então sua respiração suavizou-se e ela adormeceu, como se aquele buraco negro fosse o único lugar onde se sentisse segura. Onde a escuridão interior encontrava a escuridão exterior.

Por um tempinho, eu soube o que significava estar cego. E então, as lembranças afloraram, como sonhos, muito ricas em cores. A vida antes da guerra. Afra num vestido verde, segurando Sami pela mão; ele tinha acabado de começar a andar e bamboleava ao lado dela, apontando para um avião que cruzava o frio céu azul. Estávamos indo para algum lugar. Era verão, e ela caminhava na frente, com suas irmãs. Ola usava amarelo. Zeinah, rosa. Zeinah agitava as mãos em volta, enquanto falava, como era seu costume. As outras duas disseram “Oh!”, em uníssono em reação a algo que ela dizia. Havia um homem ao meu lado, meu tio. Pude ver sua bengala, escutar seu tum-tum-tum no cimento. Ele me contava sobre seu trabalho; tinha um café na Velha Damasco, e queria se aposentar agora, mas o filho não queria assumir o negócio, rapaz preguiçoso e ingrato...

Naquele momento, Afra ergueu Sami até o quadril, depois se virou para trás e sorriu, e seus olhos captaram a luz e viraram água. E então, tudo desvaneceu. Onde estavam todas aquelas pessoas, agora?

Pisquei no escuro. Estava impenetrável. Afra suspirou em seu sono. Perguntei a mim mesmo se deveria quebrar seu pescoço, acabar com a sua desgraça, dar-lhe a paz que ela queria. O túmulo de Sami estava nesse jardim. Ela ficaria perto dele. Não precisaria deixá-lo. Ela deixaria de se torturar.

– Nuri – ela disse.

– Há?

– Eu te amo.

Não respondi, e suas palavras tornaram-se parte da escuridão, deixei que penetrassem no solo, na terra alagada.

– Eles vão nos matar? – ela perguntou, com um leve tremor na voz.

– Você está com medo.

– Não. Estamos muito perto disso, agora.

Então, ouviram-se passos bem próximos, e as vozes ficaram mais altas.

– Eu falei para você – um homem disse –, eu falei para não deixar ele ir.

Prendi a respiração e abracei-a com força para ela não se mexer. Pensei em cobrir sua boca com a mão. Não confiava que ela nãoalaria, não gritaria. Agora era sua escolha: viver ou morrer. Acima, houve movimento, confusão, resmungos, e então, finalmente, os passos afastaram-se. Só depois que Afra soltou a respiração foi que percebi que ela ainda tinha um instinto de vida.

Tinha amanhecido, quando decidi que os homens deviam ter ido embora, fazia algumas horas que não se ouvia um som, e a luz infiltrava-se pelas beiradas do teto de metal, iluminando paredes enlameadas. Abri o telhado e vi o céu, amplo e incólume, o azul de sonhos. Afra estava acordada mas em silêncio, perdida em seu mundo escuro.

Quando entramos em casa, desejei também ser cego. A sala de visitas estava destruída, e as paredes cobertas de grafites. *Vencemos ou morremos.*

– Nuri?

Não respondi.

– Nuri... O que eles fizeram?

Vi-a parada em meio às coisas quebradas, uma figura fantasmagórica e escura, ereta, imóvel e cega.

Mas permaneci em silêncio e ela deu um passo à frente, ajoelhou-se, tateando com as mãos. Do chão, pegou um enfeite quebrado: um pássaro de cristal com as palavras *99 nomes para Alá* inscritas em ouro numa asa aberta. Presente de casamento da avó. Girou-o nas mãos, como tinha feito com a romã, sentindo suas linhas, suas curvas. Depois, baixinho, como se fosse a voz de uma criança ressuscitada de anos atrás, começou a recitar a lista gravada em sua mente:

– O que estabelece a ordem, o conquistador, o que tudo sabe, o que tudo vê, o que tudo cura, o doador da vida, o tomador da vida...

– Afra! – eu disse.

Ela pousou o enfeite e inclinou-se à frente, tateando o espaço adiante com os dedos. Então, pegou um carrinho de brinquedo. Eu tinha

guardado todos em um armário, algumas semanas depois da morte de Sami. Agora, não tolerava olhar para eles, quebrados e espalhados pelo chão. Havia até um pote de chocolate ali espalhado, a guloseima preferida de Sami, rolando para longe de Afra, e parando ao pé da cadeira. A essa altura devia estar embolorado, mas eu o tinha guardado no armário, junto com todas as coisas que me lembravam ele. Ao perceber que tinha um carrinho de brinquedo na mão, Afra largou-o imediatamente, e virou a cabeça para mim, conseguindo, de algum modo, encarar meus olhos com os dela.

– Vou-me embora – eu disse –, quer você venha ou não.

Deixei-a ali e fui buscar nossas malas. Achei-as no quarto, intocadas, pendurei-as nos ombros e voltei para a sala, encontrando-a em pé, no meio do cômodo. Em suas mãos abertas, ela tinha peças coloridas de Lego, remanescentes de uma casa construída por Sami, a casa em que viveríamos ao chegarmos à Inglaterra, ele havia dito, depois de concordar que seria bom ir.

– Lá não vai ter bombas – ele havia dito –, e as casas não vão se quebrar, como acontece com estas.

Eu não tinha certeza se ele estava se referindo às casas de Lego ou às casas de verdade, e fiquei triste ao perceber que Sami tinha nascido num mundo onde tudo poderia se quebrar. Casas de verdade desmoronavam, desintegravam-se. Nada era sólido no mundo de Sami. E mesmo assim, de algum modo ele tentava imaginar um lugar onde as construções não caíam a sua volta. Eu tinha guardado a casa de Lego a salvo, no armário, com cuidado, para ter certeza de que estava exatamente como Sami a havia deixado. Até pensei em desmontá-la e remontá-la com cola, para podermos guardá-la para sempre.

– Nuri – Afra disse, rompendo o silêncio. – Para mim basta. Por favor, leve-me embora daqui.

E ela ficou ali, com os olhos movendo-se pela sala, como se pudesse ver tudo.

Acordei estendido de costas no jardim. Tem chovido, e minhas roupas estão úmidas. Tem uma árvore neste espaço cimentado, suas raízes rompendo o calçamento e cutucando as minhas costas. Percebo que seguro algumas flores no punho. Alguém está em pé acima de mim, bloqueando o sol.

– O que está fazendo aqui, *geezer*? – O marroquino olha para mim com um sorriso largo no rosto. Fala em árabe. – Dormiu aqui no jardim, *geezer*? – Estende a mão para mim, absurdamente forte para um homem tão velho, e firme nos pés, enquanto me puxa.

– Giza? – pergunto, meio atordoado.

– *Geeeeezer* – ele diz e dá uma risadinha – O homem da loja diz *geeeeeezer*. Quer dizer velho.

Sigo-o para dentro, para o calor. Ele me conta que Afra anda me procurando. – Ela tem chorado – ele diz, o que acho difícil de acreditar, e quando a vejo na cozinha, ela já está vestida e sentada rígida à mesa, exatamente como quando Lucy Fisher estava aqui. Não me parece que ela tenha andado chorando, e não a tenho visto ou escutado chorar desde Aleppo. Segura a bolinha de gude de Mohammed, girando-a nos dedos. Já tentei tirá-la dela, mas ela não deixa.

– Então você consegue se vestir, é? – digo. Mas imediatamente me arrependo das palavras, quando vejo seu rosto se abater.

– Aonde você foi? – ela pergunta. – Fiquei acordada a maior parte da noite, sem saber onde você estava.

– Adormeci lá embaixo.

– Hazim me contou que você estava dormindo no jardim!

Meu corpo se enrijece.

– Ele é gentil – ela diz. – Ele disse que ia te procurar e me disse para não me preocupar.

Decido dar uma caminhada. É minha primeira vez fora. Todo este lugar é estranho, as lojas em mau estado e orgulhosas: Go Go Pizza, Chilli Tuk-Tuk, Polskie Smaki, Pavel India, Moshimo. No final da rua tem uma loja de conveniência onde alguém está tocando música árabe muito alto. Dirijo-me para o mar. Nesta praia não tem areia, só seixos e cascalhos, mas ao longo do passeio, junto à orla, há um enorme tanque de areia para as crianças brincarem. Um menino de short vermelho está construindo um castelo de areia. Não faz calor, mas eles pensam que sim, então a mãe dele vestiu-o com short e o menino está recolhendo areia e colocando-a com cuidado num balde azul, até enchê-lo. Ele o nivela com precisão, usando o cabo da sua pá.

Crianças correm com sorvete e pirulitos do tamanho de suas cabeças. O menino do castelo de areia construiu uma cidade completa usando pedaços de plástico, tampas de garrafa, embalagens de balas, para acrescentar cor a suas construções. Fez uma bandeira com uma meia perdida, e um palito de algodão-doce. Enfeita o topo do castelo, no meio, com uma xícara de chá.

O menino levanta-se e se afasta para admirar sua criação. É impressionante; ele até usou a xícara de chá para fazer casas ao redor do castelo, e uma garrafa d'água parece um edifício de vidro. Ele deve perceber que estou observando, porque se vira e olha para mim, parando por um momento e segurando o meu olhar. Tem aquele olhar inocente e preocupado, como as crianças antes da guerra. Por um instante acho que ele vai me dizer alguma coisa, mas uma menina chama-o para brincar. Ela o atrai com uma bola. Ele hesita, dando uma última olhada para sua maravilhosa criação, olhando mais uma vez para mim, antes de sair correndo, abandonando-a.

Sento-me por um momento no passeio, junto ao tanque de areia, e observo o sol movendo-se pelo céu. À tarde o local fica mais sossegado, formaram-se nuvens, as crianças foram embora. Tiro a documentação de pedido de asilo da minha mochila.

Para ficar no Reino Unido, você precisa estar impossibilitado de viver a salvo em qualquer parte do seu próprio país, por temer perseguição ali.

O céu abre-se e há um clarão de relâmpago. Gotas de chuva grossas caem no papel em minha mão.

Reino Unido.

Qualquer parte.

Perseguição.

A chuva aperta. Coloco os documentos na mochila e começo a subir a colina de volta ao B&B.

Afra está sentada na sala de visitas, junto às portas duplas; há alguns outros moradores circulando por ali, e a TV a toda. O marroquino ergue as sobrancelhas. – Como está você, *geezer*? – Agora, ele diz a frase toda em inglês, com os olhos escuros brilhando.

– Dá para o gasto, *geezer* – respondo, e forço um sorriso. Isto o satisfaz. Ele ri com o peito e dá um tapa no próprio joelho.

Sento-me de novo à mesa do computador e olho meu reflexo na tela. Toco no teclado, mas não sinto vontade de dar uma olhada nos emails. Meus olhos ficam indo para as portas de vidro. Sempre que venta e a luz entra, espero ver a forma de Mohammed no jardim.

Saio para o pátio e procuro a abelha; acabo encontrando-a rastejando sobre alguns gravetos e pétalas caídas debaixo da árvore. Quando estendo a mão, ela sobe no meu dedo e caminha até a palma, onde recolhe as patas e se aninha, então a levo para dentro comigo.

A proprietária traz chá numa bandeja para todos nós, e alguns doces quenianos, amarelos de açafrão. Ela fala um inglês perfeito, pelo menos é o que me parece. É uma mulher miúda, muito pequena, como se fosse destinada a ser uma boneca. Usa calçados com enormes plataformas de madeira em suas pernas finas, e ao andar pesadamente pela sala, servindo os doces e o chá, lembra-me um filhote de elefante.

O marroquino contou-me que ela é contadora, trabalha meio período em um escritório ao sul de Londres, e no resto do tempo administra este hostel. O conselho paga para que ela faça isto e nos mantenha aqui. Ela esfrega as paredes e o chão, como se tentasse limpar a sujeira de nossas viagens. Mas existe algo mais em relação a ela. Percebo que sua história não é simples. No canto da sala tem um armário de mogno. É laqueado com um brilho parecendo água, e está cheio de copos para álcool. Todos os dias, ela lustra copos imaculados. Fica ali com um pano que parece um retalho de uma camisa listrada masculina; notei que tem até um

botão nele. No entanto, não consegue se livrar do bolor verde das paredes, ou da gordura da cozinha que é grossa como a minha pele, mas vejo que sente orgulho em cuidar de nós. Lembra-se de todos os nossos nomes, o que é um grande feito, levando-se em conta quantos de nós vêm e vão. Ela passa um tempo conversando com a mulher do Afeganistão, perguntando onde ela conseguiu seu *hijab*, tecido à mão com fio de ouro.

– A abelha ainda está viva – diz o marroquino.

Olho para ele e sorrio. – É uma lutadora – digo – e ontem à noite choveu. Mas ela não sobreviverá lá fora, não por muito tempo, se não consegue voar.

Levo a abelha de volta para fora, coloco-a em uma flor, e vou para a cama com Afra. Ajudo-a a se despir, e deito-me para dormir ao seu lado.

– Onde está Mustafá? – ela pergunta. – Tem notícia dele?

– Faz um bom tempo que não – respondo.

– Deu uma olhada nos emails? Vai ver que ele está tentando entrar em contato. Ele sabe que estamos aqui?

Agora se ouve um som estranho, um silvo profundo no céu.

– Você ouviu isso? – pergunto.

– É a chuva na janela – ela diz.

– Não isso. O silvo. Tem um silvo. Não para. Como se tivesse chegando uma tempestade de areia.

– Aqui não tem tempestade de areia – ela diz. – Só chuva ou não chuva.

– Então, você não está ouvindo?

Agora, ela parece preocupada, e pousa a cabeça na palma da mão. Está prestes a dizer alguma coisa, e eu rio, impedindo-a. – Hoje estava frio, mas ensolarado. Agora está chovendo! Este clima inglês parece maluco! Que tal a gente dar uma saída amanhã? Poderíamos caminhar ao longo do quebra-mar.

– Não – ela diz. – Não posso. Não quero sair neste mundo.

– Mas agora você está livre, você pode dar uma volta. Não precisa mais ter medo.

Ela não diz nada em resposta.

– Um menino fez um castelo de areia incrível, uma cidade inteira, com casas e um edifício!

– Que interessante – ela diz.

Houve um tempo em que ela queria saber, em que me perguntava o que eu tinha visto. Agora não quer saber de nada.

– Temos que entrar em contato com Mustafá – ela diz.

A escuridão chega até mim, e o cheiro da minha mulher chega até mim, aquela mistura de perfume de rosa e suor. Ela passa o perfume antes de ir para a cama, tira o vidro do bolso e coloca-o nos pulsos e no pescoço. Os outros moradores ainda conversam na sala de visitas lá embaixo, uma estranha combinação de línguas. Alguém ri, e há passos na escada. O assoalho range e eu sei que é o marroquino; acabei reconhecendo o som do seu andar. Ele tem uma maneira peculiar de fazer uma pausa. No começo, parece aleatória, mas tem um ritmo específico na coisa. Ele passa pelo nosso quarto, e nesse momento escuto uma bolinha de gude rolando pelas tábuas de madeira. Conheço o som. Levanto-me de um pulo e acendo a luz. Descubro a bolinha de gude de Mohammed movendo-se para o tapete, pego-a e olho o vidro debaixo da luz, o veio vermelho correndo pelo meio.

– O que foi? – Afra pergunta.

– Foi só a bolinha de gude. Não é nada. Durma.

– Coloque-a na mesinha de cabeceira ao meu lado – ela diz.

Faço o que ela diz, e volto para a cama, desta vez com as costas voltadas para ela. Afra coloca a mão nas minhas costas, pressiona a palma contra a minha coluna, como se estivesse sentindo a minha respiração. Meus olhos permanecem abertos no escuro, porque estou com medo da

...noite...

caiu e estávamos em Bab al-Faraj, na cidade velha. Esperávamos um Toyota, debaixo de uma árvore de *narenj*¹¹. O cadáver de um homem esperava conosco. O Toyota seria uma picape, sem faróis, com barras de metal nas laterais, o tipo que normalmente transporta gado, como vacas e cabras. O defunto estava deitado de costas, com um braço dobrado sobre a cabeça. Provavelmente estava no meio dos seus vinte anos, usava um pulôver preto e jeans preto. Não contei a Afra que ele estava ali.

Foi ali que o atravessador nos disse para esperar.

O rosto do defunto subitamente iluminou-se. Um brilho de luz branca. Ia e vinha. Ele tinha um celular na mão, a mão que estava dobrada sobre sua cabeça. Seus olhos eram castanhos, sobrancelhas espessas. Uma antiga cicatriz na face esquerda. O brilho de uma corrente de prata, um colar com o nome escrito: Abbas.

– Aqui é lindo – ela disse. – Sei exatamente onde estamos.

Houve um tempo em que havia videiras do outro lado da rua, e no final uma escada que dava no pátio gradeado de uma escola.

– Estamos ao lado daquele relógio – ela disse –, e tem aquele café dobrando a esquina com o sorvete de água de rosas, onde levamos Sami naquela vez, você se lembra?

Logo atrás dos prédios, a hora naquele relógio da torre Bab al-Faraj reluzia verde. 23h55. Cinco minutos. Fiquei ali, impotente, observando-a, sua expressão enternecida pela lembrança. Desde que tinha rido e chorado, voltava à vida em fragmentos. Um tanto dela transparecia por uma fresta, e então ela sumia novamente. Agora, ali parada com o rosto tão perto do meu, eu conseguia ver o desejo, a determinação de se agarrar a uma ilusão, uma visão de vida, de Aleppo. A antiga Afra ficaria indignada com isso. Tive um medo súbito dela. O celular parou de acender. Agora, estava mais escuro.

À distância, eu podia ver a cidadela em seu monte elíptico, como a ponta de um vulcão.

O vento soprou e trouxe com ele o perfume de rosas.

– Está sentindo o cheiro de rosas? – perguntei.

– Estou usando o perfume – ela disse.

Remexeu em seu bolso e tirou um frasco de vidro. Segurou-o na palma da mão. Eu o tinha mandado fazer para ela no ano em que nos casamos. Um amigo meu tinha uma destilaria de rosas, e eu mesmo tinha escolhido as flores.

Agora, ela cochichava. Queria voltar na primavera, quando as flores desabrochavam. Usaria o perfume e seu vestido amarelo, e passearíamos juntos. Começaríamos na nossa casa e caminharíamos pela cidade, subindo a colina até o *souq*. Depois, vagariamos pelos corredores cobertos do velho mercado, pelas alas de condimentos, sabonetes, chás, bronze, ouro e prata, limões secos, mel e ervas, e eu lhe compraria uma echarpe de seda.

Senti-me subitamente enjoado. Já havia lhe dito que o *souq* estava vazio, algumas alas bombardeadas e incendiadas, apenas soldados, ratos e gatos vagavam pelos corredores por onde todos aqueles comerciantes e turistas já haviam andado. Todas as barracas tinham sido abandonadas, com exceção de uma, onde um velho vendia café para os soldados. Agora, a cidadela era uma base militar, ocupada por soldados e cercada por tanques.

O al-Madina Souq era um dos mercados mais antigos do mundo, posto-chave da Rota da Seda, aonde comerciantes viajavam do Egito, da Europa e da China. Afra falava de Alepo como se fosse uma terra mágica saída de uma história. Era como se ela tivesse esquecido todo o resto, os anos que levaram à guerra, às rebeliões, as tempestades de areia, as secas, a maneira como tínhamos nos esforçado para nos manter vivos, mesmo então, mesmo antes das bombas.

O celular do morto voltou a se acender. Alguém estava desesperado para falar com ele. Um poupa-pão estava pousado na árvore de *narenj*, seus olhos escuros brilhando. O pássaro abriu as asas, e listas pretas e brancas captaram a luz do celular. Tive medo da luz. Ajoelhei-me e tirei o celular dos dedos rígidos do homem, enfiando-o na minha mochila.

O relógio deu doze badaladas. À distância, o ronco suave de um motor. Afra endireitou o corpo, o rosto cheio de medo. Um Toyota fez a curva, faróis apagados, rodas revirando as cinzas. O motorista desceu, traços grosseiros, careca, camiseta preta, botas de exército, calça militar, pochete, arma na cintura. Era uma réplica de um combatente do regime:

tinha raspado a cabeça, a barba também; um truque, caso fosse pego pela Shabiha de Assad.

Ficou ali parado por um momento, analisando-me. Afra moveu os pés na poeira, mas o homem não olhou para ela.

– Pode me chamar de Ali – ele acabou dizendo, e sorriu, um sorriso aberto, tão largo que todo o seu rosto enrugou-se em dobras. Mas algo em seu sorriso deixou-me desconfortável, lembrou-me outro sorriso, um palhaço de corda que a avó de Sami tinha lhe comprado no mercado. O sorriso sumiu repentinamente, e os olhos de Ali passaram a percorrer a escuridão.

– O que foi? – perguntei.

– Me disseram três pessoas.

Apontei o homem no chão.

– Que pena.

A voz de Ali assumiu um tom inesperado de tristeza, e ele ficou parado por um momento junto ao corpo do homem, cabeça baixa, antes de se ajoelhar e tirar uma aliança de ouro da mão do morto, colocando-a com cuidado em seu próprio dedo. Suspirou e olhou para a torre do relógio, depois para o céu. Acompanhei seu olhar.

– É uma noite clara. Estamos em uma cúpula de estrelas. Temos quatro horas até o nascer do sol. Temos que chegar em Armanaz às três, se vocês forem cruzar a fronteira às quatro.

– Quanto tempo leva a viagem? – Afra perguntou.

Ali olhou para ela, então, como se a estivesse vendo pela primeira vez, mas respondeu com os olhos fixos em mim: – Não chega a duas horas. E vocês não vão se sentar comigo. Entrem atrás.

Tinha uma vaca na carroceria da picape, o chão forrado com suas fezes. Ajudei Afra a entrar, e o motorista nos disse para sentarmos abaixados, assim não seríamos vistos. Se fôssemos pegos, os franco-atiradores matariam a vaca, e não nós. A vaca olhou para nós. O motor entrou em funcionamento e o Toyota movimentou-se no maior silêncio possível por entre as ruas cobertas de cinzas, sacudindo-se sobre os escombros.

– Tem um celular tocando – Afra disse.

– O que você está dizendo?

– Posso senti-lo vibrando na minha perna, dentro da sua mochila.
Quem está ligando para nós?

– Não é o meu celular – eu disse. – Desliguei o meu.

– De quem é então?

Tirei o celular da mochila. Cinquenta ligações perdidas. Tocou de novo.

Zujet Abbas: a *Esposa de Abbas*.

– Quem é? – Afra disse. – Atenda.

– Me dê seu *hijab* – eu disse.

Afra desenrolou o *hijab* da sua cabeça e passou-o para mim. Cobri minha cabeça com ele e atendi o celular.

– Abbas!

– Não.

– Onde você está agora, Abbas?

– Não, sinto muito, não sou o Abbas.

– Onde ele está? Posso falar com ele? Ele conseguiu ser apanhado? Eles pegaram ele?

– Abbas não está aqui.

– Mas eu estava falando com ele. A ligação foi cortada.

– Quando?

– Não faz muito tempo. Mais ou menos uma hora atrás. Por favor, me deixe falar com ele.

Nesse momento, a picape parou, o motor foi desligado, passos aproximaram-se. O motorista puxou o *hijab* de mim, jogou-o atrás, e senti um frio metálico entre minhas sobrancelhas.

– Você é estúpido? – Ali disse. – Quer morrer? – Empurrou a arma na minha testa, os olhos brilhando. Do celular, a esposa de Abbas dizia: “Abbas, Abbas...”, vezes sem conta.

– Me dê isto! – o atravessador disse, e então entreguei a ele o celular e partimos de novo.

Estávamos indo para Urum al-Kubra, cerca de vinte quilômetros a oeste de Aleppo. Serpenteamos pelas ruínas da velha cidade; as regiões a oeste estavam sob o domínio das forças governamentais, os rebeldes detinham o leste. O rio podia testemunhar tudo, correndo agora pela terra de ninguém, entre as linhas de frente opostas. Se algo fosse jogado no Queiq, no lado do governo, acabaria chegando aos rebeldes. Ao

chegarmos aos limites da cidade, passamos por um cartaz enorme de Bashar al-Assad, com seus olhos azuis brilhantes como joias, até no escuro. O cartaz estava intacto, totalmente intocado.

Chegamos à pista dupla e o mundo abriu-se repentinamente, campos escuros a toda nossa volta, amoreiras e oliveiras azuis sob o luar. Eu sabia que haviam sido travadas batalhas entre rebeldes e tropas sírias entre as Cidades Mortas, as centenas de cidades greco-romanas abandonadas havia muito tempo, espalhadas pela área rural próxima a Alepo. Naquele vazio azul, tentei esquecer o que eu sabia, o que tinha escutado. Tentaria imaginar que tudo estava intocado. Exatamente como os olhos azuis de Bashar al-Assad. O que estava perdido estaria perdido para sempre. Os castelos das Cruzadas, mesquitas e igrejas, mosaicos romanos, antigos mercados, casas, lares, corações, maridos, esposas, filhas, filhos. Filhos. Lembrei-me dos olhos de Sami, no momento em que a luz se extinguiu e eles viraram vidro.

Afra estava calada. Seu cabelo, agora solto, da cor do céu. Olhei-a ali sentada, beliscando a pele, seu rosto branco mais pálido do que o normal. Meus olhos começaram a se fechar, e quando os abri, vi que tínhamos chegado a Urum al-Kubra, e à nossa frente estava a carcaça de um caminhão bombardeado. Nosso motorista andava em círculos. Disse que estava esperando uma mãe com uma criança.

O lugar estava vazio. Irreconhecível. Ali estava agitado. – Temos que chegar antes do nascer do sol – ele disse. – Se não chegarmos antes do sol, nunca chegaremos.

Da escuridão, entre os prédios, surgiu um homem de bicicleta.

– Deixe que eu falo – Ali disse. – Ele pode ser qualquer pessoa. Pode ser um espião.

Quando o homem aproximou-se, vi que estava cinza como concreto, não parecia possível que aquele homem fosse um espião, mas Ali não iria correr nenhum risco.

– Eu estava me perguntando se você teria um pouco de água – o homem disse.

– Tudo bem, meu amigo. Temos um pouco – Ali disse. Pegou uma garrafa no banco do passageiro e deu-a ao homem, que bebeu como se estivesse sedento havia cem anos.

– Também temos um pouco de comida. – De uma sacola, Ali tirou um tomate.

O homem estendeu a mão com a palma aberta, como se estivesse recebendo ouro. Depois, ficou ali, imóvel, com o tomate na mão, analisando cada um de nós, um por um.

– Para onde vocês vão? – perguntou.

– Vamos visitar nossa tia – Ali disse. – Ela está muito doente.

Ele apontou para a rua à frente, indicando o caminho que iríamos tomar. Depois, sem dizer mais nada, o homem colocou o tomate numa cesta na sua bicicleta, montou nela e saiu, mas em vez de ir embora, fez um grande círculo na rua e voltou até nós.

– Me desculpem – disse –, me esqueci, preciso lhes dizer uma coisa. – Ele passou a mão pelo rosto, limpando um pouco da poeira, de modo a haver, então, marcas de dedo em suas faces, revelando uma pele branca. – Eu não me sentiria um homem bom se aceitasse sua água e seu tomate, e fosse embora sem lhes dizer. Iria dormir esta noite me perguntando se vocês estariam mortos ou vivos. Se pegarem a rua que você disse, vão encontrar um franco-atirador no alto de uma caixa d'água, a cerca de cinco quilômetros daqui. Ele verá vocês. Eu aconselharia fortemente que pegassem esta rua em vez daquela. – Ele apontou para uma rua de terra que levava a uma estrada rural, e explicou que caminho tomar a partir de lá, de modo a acabarmos de volta no caminho certo.

Ali não esperaria mais a mãe e a criança, e decidimos confiar naquele homem e pegar o desvio, uma virada à direita para a estrada rural que nos levaria entre as cidades de Zardana e Maarat Misrin.

– Onde estamos? – Afra perguntou, enquanto chacoalhávamos ao longo das pistas rurais. – O que você vê?

– Tem vinhedos e oliveiras em quilômetros à nossa volta. Está escuro, mas muito lindo.

– Como costumava ser?

– Como se jamais tivesse sido tocado.

Ela acenou com a cabeça e eu imaginei que não havia guerra, que estávamos realmente indo visitar nossa tia doente, e que, quando chegássemos, as casas, as ruas e as pessoas estariam como sempre foram. Era isto que eu queria: estar com Afra num mundo ainda intacto.

Enquanto a picape pulava quase em silêncio ao longo da pista rural, obriguei-me a permanecer acordado, a inalar a noite síria com suas estrelas intocadas e suas videiras intactas. Captei o cheiro do jasmim noturno e, vindo de mais longe, o perfume de rosas. Imaginei um grande campo delas, lampejos de vermelho ao luar nos campos adormecidos, e ao amanhecer os trabalhadores chegariam e as pétalas grossas seriam acondicionadas em caixotes. E então, pude ver meus apiários no campo vizinho, dentro das colmeias fileiras de favos de mel, cada quadro contendo delicados hexágonos dourados. Em cima ficavam os telhados, e dos buracos nas laterais as operárias zumbiam, entrando e saindo, secretando cera de suas glândulas, mascando-a e criando fileira após fileira de polígonos simétricos, com cinco milímetros de diâmetro, como se estivessem depositando cristais. A abelha rainha, na célula da rainha, juntamente com suas poucas servidoras, seu perfume real servindo como imã para o enxame. E o zumbido, aquele zumbido musical discreto que prosseguia eternamente, e como as abelhas voavam à minha volta, pelo meu rosto, prendendo-se em meu cabelo, libertando-se e saindo mais uma vez.

Então, me lembrei de Mustafá, dos dias em que ele chegava aos apiários vindo da universidade, de terno, segurando uma garrafa térmica de café e uma mochila cheia de livros e papéis. Ele se trocava, vestia seu equipamento de proteção e juntava-se a mim, checando os favos de mel, a consistência, o cheiro e o gosto do mel, enfiando o dedo e provando-o. “Nuri!”, chamava. “Nuri! Sabe, acho que nossas abelhas produzem o melhor mel do mundo!” E mais tarde, quando o sol se punha, deixávamos as abelhas e íamos para casa pegando o trânsito da cidade. Sami estaria esperando à janela, com uma expressão no rosto como se tivesse feito alguma coisa errada, e Afra abriria a porta da frente.

– Nuri. Nuri. Nuri.

Abri os olhos. – O que foi?

O rosto de Afra estava próximo ao meu. – Você estava chorando – ela disse. – Escutei você chorando. – E enxugou minhas lágrimas com ambas as mãos. Olhou nos meus olhos como se pudesse me ver. Naquele momento, também pude vê-la, a mulher lá dentro, a mulher que eu tinha perdido. Estava ali comigo, de alma aberta, presente e clara como a

luz. Naqueles poucos segundos perdi o medo da viagem, do caminho à frente.

Mas no instante seguinte seus olhos escureceram, morreram, e ela se afundou para longe de mim. Eu sabia que não podia forçá-la a ficar comigo, não havia nada que eu pudesse dizer para trazê-la de volta, depois de ter sumido. Tinha que deixá-la ir e esperar que voltasse.

Demos a volta em Maarat Misrin e depois retomamos a pista dupla, atravessamos uma montanha e depois o vale entre Haranbush e Kafar Nabi, e acabamos nos aproximamos de Armanaz, e lá, à frente, estavam os grandes holofotes da fronteira turca, brilhando pela planície como um sol branco.

Entre Armanaz e a fronteira está o Rio Asi. Ele separa a Turquia da Síria, e eu sabia que teríamos que atravessá-lo. O motorista parou a picape num lugar escuro, debaixo de algumas árvores, e nos levou por uma trilha em um bosque. Afra segurava a minha mão com muita força, às vezes tropeçando e caindo, e eu tinha que ficar levantando-a e segurá-la ao redor da cintura. Mas mal conseguia enxergar no escuro e coisas mexiam-se nas folhas e galhos. Dava para ouvir vozes não muito longe, e então, ao sairmos do bosque, vi trinta ou quarenta pessoas paradas como fantasmas à margem do rio. Um homem descia uma menina em uma grande panela, do tipo que usamos normalmente para cozinhar cuscuz. Havia um longo cabo ligado a ela, de modo que os homens do outro lado do rio pudessem puxá-la. Esse homem tentava ajudar a menina a entrar na panela, mas ela chorava e seus braços estavam em volta do pescoço do homem, e não se soltavam.

– Por favor, entre – o homem dizia. – Vá até essas boas pessoas e eu encontro você do outro lado.

– Mas por que você não vem comigo? – ela perguntava.

– Prometo que te encontro do outro lado. Por favor, pare de chorar. Eles vão ouvir a gente.

Mas a menina não escutava. Então, ele a empurrou para dentro e estapeou o seu rosto com força. Ela se sentou, chocada, com a mão no rosto, os homens puxando o cabo enquanto ela flutuava para longe. Quando ela estava completamente fora da vista, o homem sentou-se no chão, como se já não lhe restasse vida, e começou a soluçar. Eu sabia que ele não voltaria a vê-la. E foi então que olhei para trás. Não deveria ter